

EXPERIÊNCIA E FILOSOFIA: A REDE MICELIAL DA SALA DE AULA

Geverton Felipe Köhnlein¹

RESUMO

Quais as possibilidades de os fungos nos ensinarem sobre seu mundo e nós, professores, colocarmos este ensinamento em prática na sala de aula? Partindo desta pergunta este artigo se propõem a construir redes miceliais dentro da sala de aula. No caso, esta rede já foi tramada ao longo do ano de 2022. As experiências aqui citadas foram produzidas no encontro entre uma rede micorrízica de professor e estudantes. Além disso, vários esporos foram lançados, demonstrando as conexões conceituais entre teoria e prática. O processo pode ser visto como uma espécie de professor-micorrízico, conceito este criado para designar as forças potentes que são tramadas em conjunto com os estudantes-plantas. Os fungos micorrizos trocam nutrientes entre as plantas e ambos se fortalecem nesta conexão. Assim como no mundo da botânica, na educação também há esta troca entre os professores e os estudantes. Portanto, espalhar estes acontecimentos é estar próximo dos cogumelos, que contribuem para a continuação da rede micelial.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Fungos. Micélio.

EXPERIENCE AND PHILOSOPHY: THE CLASSROOM MYCELIAL NETWORK

ABSTRACT

What are the possibilities for fungi to teach us about their world and for us, teachers, to put this teaching into practice in the classroom? Based on this question, this article proposes to build mycelial networks within the classroom. In this case, this network was already created throughout the year 2022. The experiences mentioned here were produced in the encounter between a mycorrhizal network between teacher and students. In addition, several spores were released, demonstrating the conceptual connections between theory and practice. The process can be seen as a kind of microrrhizic teacher, a concept created to designate the potent forces that are woven together with the plant-students. Mycorrhizal fungi exchange nutrients between plants and both are strengthened in this connection. As in the world of botany, in education there is also this exchange between teachers and students. Therefore, to spread these events is to be close to the mushrooms, which contribute to the continuation of the mycelial network.

Keywords: Philosophy. Education. Fungi. Mycelium.

Editor Científico: Ellen Nogueira Rodrigues
Organização Comitê Científico
Double Blind Review pelo SEER/OJS
Recebido em 31.05.2023
Aprovado em 07.12.2023

Como citar: KÖHNLEIN, G. F. Experiência e filosofia: a rede micelial da sala de aula. *Docent Discunt*, Engenheiro coelho (SP), v. 4, p. e01576, 2023. <https://revistas.unasp.edu.br/rdd/article/view/1576>. Acesso em: 28 dez. 2023. <https://doi.org/10.19141/2763-5163.docentdiscunt.v4.n1.pe01576>

¹Escola Vinícius de Morais, Porto Alegre, (Brasil). Colégio Luterano Concórdia, Rio Grande do Sul, (Brasil). E-mail: bajeverton@hotmail.com Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-5108-3721>

Conectando-se ao fungo

“[...] os fungos receberam uma pequena fração da atenção dada aos animais e às plantas.” (SHELDRAKE, 2021, p. 18).

A sala de aula é um processo de produção de subjetividades. Através deste território inúmeras relações se compõem e se tramam como se fossem uma rede micelial². Pois, para além de trocas de conhecimentos, os sujeitos participantes deste espaço, contribuem mutuamente na produção de afetos. Diante disso, o componente curricular da filosofia se torna peça chave para a promoção destas conexões, relacionando autoras (es), teorias, problematizações e, claro, a crítica da instituição política que estamos inseridos. Ao longo de um ano letivo, dividido em três trimestres, vários acontecimentos podem ser marcados por experimentações singulares que produzem a reflexão crítica e afetiva.

Uma das formas de pensar a filosofia na educação básica é através da vinculação afetiva, ou seja, onde os sujeitos podem se permitir “jogar” com os atravessamentos que ocorrem naquele tempo e espaço. bell hooks (2017) nos possibilita pensar nessa articulação do jogo afetivo, onde ela, professora, faz mais do que transmitir o conhecimento e criar objetivos para classificar os estudantes. bell hooks (2017) nos ensinar a transgredir as barreiras morais impostas pelas estruturas educacionais como “metas”, “ideais”, “utopias” e promover uma educação para a liberdade. No entanto, podemos nos perguntar: a filosofia pode transgredir as barreiras morais sem perder o controle ético da situação? Em outras palavras, como promover uma filosofia crítica e libertária sem romper a corda que sustenta as estruturas morais da escola?

Desde Sócrates a filosofia é vista como uma área do conhecimento perigosa, muitas pessoas se arriscaram a entrar neste campo sem saber ao menos o que aconteceria e como a sociedade iria se portar diante deste fato. Sócrates (Platão, 1972), foi um dos filósofos que morreu por não abrir mão do ato de filosofar, ou seja, transgrediu as percepções de seu lugar como cidadão em prol de uma ética do cuidado de si e do cuidado do outro. No caso de Sócrates, a juventude foi o principal motivo de sustentação de seu discurso e de sua forma de pensamento.

² “O micélio é uma estrutura ecológica conectiva, a costura viva que estabelece grande parte das relações do mundo.” (SHALDRAKE, 2021, p.56). No entanto, dentro deste texto, vou aproximar essa conectividade, costura viva, do professor com os estudantes, além dos conhecimentos que são trocados em sala de aula.

Obviamente que, ao fazer isso, Sócrates inaugura uma nova forma de perceber a filosofia, promovendo uma sistematização e racionalização ética do modo de vida das pessoas em uma sociedade.

Partindo de Sócrates, percebe-se que o ensino de filosofia se direciona para uma formação dos aspectos éticos e morais dos sujeitos. Ou seja, vincula-se ao ensino de filosofia a visão de ensino para a cidadania. Mas não é uma formação exclusiva da filosofia ensinar ética e moral, pois todos os componentes curriculares devem promover este olhar para com os estudantes. Com isso, cabe uma nova pergunta, afinal qual é o papel da filosofia na educação básica?

Curiosamente, retomando a formação do professor de filosofia, ou melhor, do licenciado em filosofia, quem se forma em filosofia, estuda a história da filosofia, mas que, não necessariamente se torna um filósofo. Isso significa que o professor de filosofia na educação básica não precisa de uma formação em filosofia? Para essa resposta temos um paradoxo pois para ensinar a história da filosofia não precisamos de um professor de filosofia, no entanto, para ensinar o filosofar, precisamos de alguém que esteja apto a promover o exercício, neste caso, espera-se que seja o licenciado em filosofia. Então é um jogo, formar-se em filosofia não te dá aptidão ao filosofar, no entanto, espera-se que você, formado em filosofia, esteja preparado para isso.

O micélio sala de aula

Partindo deste paradoxo, o devir professor de filosofia entra em sala e é lançado no espaço/tempo de um território repleto de desejos, de afetos, de situações que promovem a reflexão. Corpos, conteúdos, multiplicidades de acontecimentos ocorrem e produzem agenciamentos que se territorializam, desterritorializam, para se reterritorializar na diferença, como nos mostra Deleuze & Guattari (2009). Essa produção de agenciamentos está ligada diretamente com uma força desejante de amor. Amor esse que transcorre o tempo de um período³, ou dois, quando muito.

A construção da professoralidade, segundo Pereira (2016), se estabelece nessas ligações entre diferentes fatores que aparecem na vida do professor. Estar é

³ Me refiro aos períodos semanais de aula. Nas escolas que trabalho a filosofia tem apenas 1 período, de 45-50 minutos, durante a semana.

a possibilidade de conectar-se com tudo que possa gerar um novo EU. Como professor de filosofia, ou de qualquer outra área do conhecimento, a sala de aula é o momento principal para compreender as potencialidades conectivas que vão promover esse processo da estética da professoralidade⁴. Nesse sentido, o paradoxo presente nas reflexões anteriores vai se desdobrando, ou melhor, se desarticulando do nó que habita o ensino de filosofia. Como é possível desatar o nó paradoxal do ensino de filosofia?

É bem possível que esse nó permaneça na vida dos docentes em filosofia, principalmente aqueles que não quiseram estar no espaço de sala de aula, mas se sentiram obrigados diante das dificuldades do sistema capitalista. A escolha da profissão professor não pode ser vista como um “dom” mas sim pelas diversas ligações miceliais que ocorrem até o “dar-se” conta do *amor fati*⁵ profissional. Sendo assim, o nó acaba por reduzir-se ao desejo. Daí uma aula de filosofia se torna um ensino filosofante da filosofia e não propriamente história da filosofia.

Ao lançar-se ao vazio de uma sala de aula, o professor é impulsionado pela trama da vida que o habita e o instiga a seguir os passos do que já está. No entanto, percebendo que existem outros habitantes dentro deste espaço é imprescindível que a abertura seja uma das primeiras potencialidades do ensino. Obviamente que com medo, ansiedade, nervosismo, o professor se segura nas amarras da história e de algo que já se faz presente em sua vida. Este motivo pode gerar os primeiros conflitos entre o eu e os outros da sala de aula, pois, como dar conta do que sei e promover meus desejos nos outros? Como instigar a filosofia em sala de aula de uma maneira provocante?

Quando analisamos um fungo micorrizico⁶ percebemos algo muito importante que acontece sem perceber, pelo menos a olho nu, são as trocas de nutrientes

⁴ Compreendo a estética da professoralidade como: “[...] não uma identidade que um sujeito constrói ou assume, ou incorpora, mas, de outro modo, é uma diferença que o sujeito produz em si [...]. A professoralidade é um estado em risco de desequilíbrio permanente.”(Pereira, 2016, p.35). Nesse sentido, o professor não é algo definido, mas sim, se torna constantemente professor durante seu processo de professoralidade (estudo, sala de aula, estudantes, vida...).

⁵ O sentido de “*amor fati*” produzido por Nietzsche (2012) em seus escritos, demonstra o aspecto trágico da vida, ou seja, dos acontecimentos que não podem mudar. Diante disso, dentro da professoralidade, amar o destino (tradução de *amor fati*), é saber produzir-se como professor diante do lugar que está em produção de ser. Em outras palavras, não tem como mudar o que já passou, ou romantizar a profissão professor como sendo um “dom”, ou um ressentimento do professor que está trabalhando, mas tinha outros objetivos de vida.

⁶ “A palavra “micorriza” é apropriada. Raízes (*rhiza*) seguiram os fungos (*mykes*) para existir.” (SHELDRAKE, 2021, p.144). Os fungos micorrizicos, são fungos que se conectam, através de sua rede

entre a rede micelial e as raízes das plantas do qual eles estão conectadas. A planta recebe nutrientes e o fungo também e ambos se fortalecem com essa troca. O ensino de filosofia também funciona utilizando essa perspectiva. Pegamos o exemplo de Sócrates, que foi acusado de corromper a mocidade, ou seja, produzir algo nos sujeitos que o transformassem em outros que não eles mesmos. Mas, o que não percebemos, é que existia uma força desejante de Sócrates que o impulsionava para os diálogos com seus interpelados, produzindo algo que era o amor, como no caso de Alcebiades no banquete (PLATÃO, 1972).

Nessa relação em rede, que produz um eu que está por vir, o ensino de filosofia se desconstrói de história da filosofia para produção desejante do filosofar. Além disso, os estudantes são vistos como ensinantes e aprendizes desse ensino, assim como o professor. Daí entramos em um novo paradoxo, já pontuado por Kohan (2009), os paradoxos de ensinar filosofia. Ensinar filosofia é aprender filosofia. Mas, como ocorre essa aprendizagem se não pela abertura ao filosofar? Daí a questão paradoxal do primeiro momento se responde, pois no ensino de filosofia é importante ter uma pessoa que queira filosofar, logo, não é possível instigar a reflexão filosófica sem desejo e facilita ter conhecimento de teorias filosóficas, saber problematizar os conceitos.

Nutrindo-se destes aspectos da professoralidade é que o professor de filosofia torna-se e não é. Por qual motivo isso ocorre? Pois, ao se dar conta que os estudantes mudam a cada ano, as vezes a cada novo período, novas maneiras de olhar para uma mesma questão surgem. Um conteúdo de filosofia nunca vai repercutir da mesma forma para todas as turmas, por esse motivo, como Nietzsche (2008) vai nos provocar a pensar, não existem fatos, somente interpretações. Esse paradoxo demonstra que ensinar filosofia é criar novas conexões dentro do micélio sala de aula. A filosofia é uma espécie de fungo que cria redes ao longo do processo histórico e, dentro da sala de aula mesmo na repetição há a diferença.

O fungo filosofia, quando surge em sala de aula, vai criando ligações que viabilizam a reflexão do pensamento, não somente daquilo que o professor traz para o espaço, mas como também do que os estudantes se permitem promover. Essa troca micorrizica é o que gera os nutrientes possíveis para existir o filosofar. Obviamente que, muitas vezes, não percebemos quando isso surgiu, de onde veio,

micelial, com as raízes de outras plantas. Nessa conexão há a troca de nutrientes, ou seja, ambos se beneficiam com essa conexão.

ou, até mesmo, quem o trouxe para o espaço. No entanto, está ali, habitando as trocas afetivas que reiteram os corpos desejanter. Quem sabe, como uma resposta possível, o surgimento desse fungo pode ter sido o afeto, pois ele liga os corpos e contribui para a formação dos seres habitantes do espaço.

Partindo desses afetos, ou melhor, dessa micorrízica, os sujeitos vão contribuindo mutuamente para o processo do filosofar. A história da filosofia, os conteúdos de filosofia, vão se tornando coadjuvantes quando emaranhados com a trama que conecta a produção da vida, mas isso não tira o lugar de importância, pois o conteúdo pode ter desencadeado tal experiência. Agora, relacionado a esse espaço, pode-se perceber que não conseguimos enxergar início ou fim da trama, apenas meio, apenas movimento, apenas momentos que mudam a cada novo olhar transformando-se constantemente em outro.

O outro é a diferença que materializa o território, que contribui para a desterritorialização e para a reterritorialização (DELEUZE & GUATTARI, 2010). Então, nessa perspectiva, o ensino de filosofia é um território comum, não uma propriedade do professor. Ele é uma luta constante dentro de um sistema que busca capturar e prender o pensamento em uma forma. Ele é uma resistência e uma re-existência dentro de uma instituição disciplinadora. Novamente, mais um paradoxo, o paradoxo kantiano, utilizar da razão para criticar a própria razão.

Quando brotam cogumelos, espalhando o conhecimento

“Os fungos usam os esporos como as plantas usam as sementes: para se espalharem.” (SHELDRAKE, 2021, p.13)

Dentro da rede micelial dos fungos, os cogumelos são a forma de disseminar a rede e ampliar a família. Sendo assim, é fundamental que o cogumelo venha, em determinada época do ano, para ampliar a rede e fortalecer cada vez mais as ligações que preenchem o solo enriquecido por diferentes nutrientes. Além disso, existem cogumelos micorrízicos que trocam nutrientes entre raízes de outras plantas, potencializando seu papel na natureza (Sheldrake, 2021). A trama que se desenvolve dentro deste emaranhado de vida, pode se vincular com o modo como o professor de filosofia vai nutrindo seu conhecimento com os estudantes e nutrindo

o conhecimento dos estudantes com seu conhecimento, este é o professor-micorrizico.

Este professor-micorrizico, que habita o corpo deste que escreve, acredita que seja na troca de afetos, melhor, de nutrientes afetivos, que as aulas residem no movimento professor-estudante. Não é mero acaso que, ao longo dos anos, muitas rupturas ocorreram dentro da rede micelial-professoral. Por vezes, um professor-micorrizico consome nutrientes que lhe causam mais malefícios do que benefícios, no entanto, “[p]oucos ambientes são extremos demais para os fungos.”(SHELDRAKE, 2021, p.13).

Então esse professor-micorrizico fungico vai se nutrindo do desejo de estar ali no espaço da sala de aula. Mesmo que o ambiente esteja infestado de problemas que podem lhe prejudicar, o fortalecimento se dá nas raízes das plantas chamadas estudantes. Todos os anos, várias sementes brotam dentro da sala de aula, mas, se conectar com as raízes destas plantas é uma tarefa cansativa, requer insistência e paciência, uma espécie de resistência. Eis uma palavra interessante para pensar no professor de filosofia, naquele que saí de um paradoxo professoral e existencial, do tipo, ensinar filosofia ou ensinar a filosofar, e entra no jogo político de recusa da disciplina nas escolas⁷.

Mas, qual é o principal nutriente que o professor-micorrizico troca com as raízes dos estudantes? O pensar, mas não pensar no mero ato de imaginar coisas, produzir ideias no pensamento, mas sim, um pensamento que transforma e que demonstra o desejo de um espaço que requer a participação. Na participação, o estudante-planta desenvolve sua vontade de potência, nas palavras de Nietzsche (2008). Mas, eis um grande cuidado do professor-micorrizico, que o próprio filósofo Nietzsche (2012) sinalizou, continuar o jogo moral, manter os jogos ideais da política conservadora.

A sala de aula, espaço habitado por diferentes seres que vivem em cada um dos estudantes, não deveria ser encarado de uma forma universal. Cada um, cada ser, cada fungo, se relaciona de diferentes maneiras dentro do ambiente em que vive. Diante disso, pensar no perspectivismo de cada sujeito é reiterar que ele não se torne mais um dentro desta trama micelial. Como sinaliza Rocha (2004), o perspectivismo é uma ruptura nietzscheniana da moral socrática de verdade, de ideal

⁷ Me refiro aqui é esses anos em que a disciplina tornou-se obrigatória, em 2008, e agora, em 2017, passou a ser optativa.

propriamente dito. Sendo assim, o micélio, que vai sendo nutrido, não contém ramificações idênticas aos outros fungos. O professor-micorrizico cria-se sozinho, cria-se na potência de tornar-se sempre micorrízico.

“O micélio é por onde os fungos se nutrem[...] Eles digerem o mundo em que vivem e o absorvem.” (SHELDRAKE, 2021, p.61). Pode o professor de ensino médio, fundamental, nutrir-se de seus estudantes? Como isso pode ocorrer num espaço educacional disciplinador e autoritário? Desafiar-se a se tornar um professor-micorrizico é lançar-se no desconhecido de um sistema que não está, muitas vezes, apto a se desconstruir. É lançar-se em um sistema, muitas vezes, de ensino apostilado com grupos fechados e que esperam a reprodução com metodologia. Mas, como sinalizado acima, é difícil parar um fungo.

Espalhar-se como fungo é, de certa forma, habitar espaços que requerem uma mudança. É esperar as brechas que viabilizem a produção de outra coisa, diferente do que acontece, como no caso da fermentação de um pão. Sem fungo não tem pão, mas, sem algum carboidrato não tem fermentação. Nesse sentido, esperar por brechas, ou entrar nelas propriamente, se torna uma das ferramentas para mudar o sistema vigente, pelo menos fazer pensar. Pelas brechas espalham-se os principais nutrientes.

Alguns destes nutrientes, que ocorreram em sala de aula, ao longo do ano de 2022 compartilho para que esse texto seja o cogumelo em si, que com seus esporos vai nutrir o micélio do professor-micorrizico.

O professor-micorrizico e as raízes das plantas-estudantes

Nenhuma construção é por acaso, nenhuma escrita é elaborada do “nada”, nenhum professor existe sem estudantes, nenhum livro existe sem o leitor. Como se produzem os professores? Resposta, pelas experiências que estão sendo tramadas em sua vida. Não se sabe ao certo quando começou ou quando vai terminar. É como se o professor estivesse no meio, entre, no vir a ser, no tornar-se. Sendo assim, isto não é um professor de filosofia!⁸ Cada ano é um acontecimento, cada ano tem memórias que ficam, cogumelos que são espalhados pelos campos de flores que pertencem a sala de aula, que são devorados por

⁸ Fazendo uma analogia ao quadro ““Ceci n’est pas une pipe” René Magritte (1929).

estudantes, as vezes deixando saciados, as vezes alucinados e, sim, às vezes contribuindo para seu adoecimento.

Mas, de que forma o professor de filosofia pode contribuir para que o cogumelo não seja venenoso? Afetar-se e transformar-se. Além, é claro, da escuta sensível. Filosofar não é algo que se ensina propriamente, é algo que se trama. Para o filosofar o professor-micorrizico não necessita de um manual para transformar as palavras em regras. Para filosofar é necessário estar presente, estar conectado com os acontecimentos que ocorrem no espaço. E, é quase certo que isso não vai ocorrer de forma hegemônica, ou seja, todos os estudantes de um espaço vão se afetar pelo acontecimento.

É difícil ser um professor-micorrizico se o objetivo é atingir a todos. Pois, nutrir-se do espaço docente é, de certa maneira, encarar a realidade dos sujeitos de maneiras diversas. “Não se trata apenas de dar continência, mas de possibilitar - individual ou coletivamente - que as configurações que cada sujeito tomou encontrem uma escuta que acolha e problematize sua existência modificando seu modo de pensar, sentir e agir.” (DETONI, 2009, p.23). Filosofar é nutrir o pensamento dos estudantes com forças transformadoras, é acolher suas angústias, desejos e afetos e proporcionar o espaço para as diferenças.

Neste ano de 2022 houveram muitas experiências significativas que promoveram esse espaço de acolhimento. Esse acolhimento é, de certa forma, o nutriente que promove a troca micorrizica entre professor e estudante. Ambos, ao estarem nesse lugar, crescem e desenvolvem um corpo mais forte e transformador em sala de aula. Um exemplo disso, aconteceu quando uma estudante de uma turma de 9º ano do ensino fundamental foi convidada a falar para uma turma de 3ª série do ensino médio, sobre o que ela vinha estudando.

Ao ser convidada e desafiada, a estudante se sentiu nutrida pela possibilidade de passar adiante, ou até mesmo, frisar o que estava estudando. Isso foi possível, pois o professor-micorrizico percebeu que essa estudante tem um engajamento sobre as leituras de Karl Marx e Angela Davis. O primeiro desafio foi abordar o conteúdo de “Luta de Classes” e o conceito de “Mais-Valia”, para uma turma 3 anos a sua frente⁹. Foram 45 minutos de puro entusiasmo para o professor-

⁹ Só para contextualizar. O conteúdo da 3ª série do ensino médio era esse. Mas, como eu sabia que a estudante do 9º ano estava estudando sobre o assunto, resolvi convidá-la para falar sobre seus

micorrizico e de muito nervosismo para a estudante. Mas, sem necessitar de apoio, a estudante espalhou os esporos daquilo que cresceu dentro do seu eu-cogumelo.

Essa oportunidade possibilitou que a estudante percebesse que o conhecimento, o filosofar, precisa do outro para existir e para promover a reflexão dentro de si. Pois, o que aconteceu, ao finalizar a explanação, a estudante foi confrontada a pensar em algumas das teorias colocadas no quadro, dentre elas o conceito de mais-valia. Alguns estudantes, contrários ao pensamento de Karl Marx, iniciaram um diálogo reflexivo sobre o que a estudante tinha explicado e qual era seu posicionamento frente as perguntas dos estudantes. Por fim, a estudante conseguiu perceber que existem pensamentos divergentes e que o diálogo pode se tornar uma forma de ampliar as reflexões sobre o que se estuda. Mas, curiosamente, foi a partir disso que o professor-micorrizico, que estava ali na sala de aula, conseguiu perceber a importância de desenvolver um projeto que fomentasse as perspectivas políticas que habitavam aquela turma de 3ª série. Foi isso que acabou desembocando um projeto sobre política¹⁰.

Mas, e a estudante do 9º ano? Foi convidada novamente para fazer uma fala em outra turma do ensino médio, agora, de 2ª série. A rede micelial estava se ampliando, o cogumelo estudante estava levando seus esporos para outros espaços da escola. Na turma de 2ª série, diferente da turma anterior, a estudante preparou uma fala sobre a filósofa Angela Davis. Diferentemente da turma anterior, para essa turma de 2ª série, a estudante separou um capítulo de livro e resolveu promover um seminário, afim de que pudesse ouvir mais. Mas, não foi isso que aconteceu, novamente, ela tomou a palavra e organizou-se por entre história e conceitos da autora. Falou sobre sua vida, suas principais lutas e, novamente, fez com que os estudantes se conectassem com sua fala. Curiosamente, por causa de uma palavra, ou melhor, de uma filiação da Angela Davis ao partido comunista.

Interessante destacar que, nesse caso, um estudante da turma sinalizou que não concordava com o ponto de a Angela Davis ser comunista, vinculando o comunismo ao nazismo. A estudante cogumelo promoveu, na rede micelial, uma

estudos para a turma de 3ª série. Esses estudos da estudante partem do seu desejo individual. Embora ela tenha filosofia, não trabalhamos com esse autor em sala de aula.

¹⁰ Ainda neste ano de 2022, iniciei um projeto que construí junto com outros professores, sobre política. Neste projeto em questão, os estudantes da 3ª série foram divididos em PARTIDOS POLÍTICOS e produziram planos de governo, campanhas eleitorais e um debate mediado. Construímos este projeto de forma interdisciplinar (filosofia, português, produção textual e geografia).

fala que potencializou a discussão de questões ideológicas, políticas e históricas, que, curiosamente, não ficou só nas aulas de filosofia, pois o professor de geografia e história utilizou deste acontecimento para reiterar algumas questões que estavam sendo produzidas nos seus conteúdos. Eis a força de uma rede micelial, espalhar esporos por entre o campo de terra que ela cresce.

Ao crescer e se desenvolver, o cogumelo espalha esporos que sustentam a rede micelial do fungo. A função do cogumelo é esta, dar continuidade a rede.

O cogumelo é a forma pela qual o fungo apela a outros seres e elementos, do vento ao esquilo, para ajudar na dispersão dos esporos ou impedir que interfiram nesse processo. É a parte visível, pungente, cobiçada, deliciosa, muitas vezes venenosa do fungo. No entanto, os cogumelos são apenas uma abordagem entre muitas: a esmagadora maioria das espécies de fungo libera esporos sem produzir cogumelos. (SHELDRAKE, 2021, p.13).

Dentro da sala de aula, o professor-micorrizico busca conectar-se com estudantes cogumelos para que os mesmos continuem o processo do conhecimento e possam espalhá-los constituindo novas ligações dentro dessa rede micelial. Pode-se perceber então que o professor-micorrizico liga diferentes estudantes, os estudantes-cogumelos, que vão conectar o conhecimento com novas linhas, e os estudantes-plantas, que vão se nutrir do conhecimento transmitido em sala de aula, além, é claro, de nutrir a rede micelial, beneficiando aí o fungo professor-micorrizico.

Um outro exemplo disso ocorreu em outra escola que esse professor-micorrizico trabalha. No caso em questão, uma estudante-cogumelo, queria lançar seus esporos do conhecimento sobre o assunto de religiões de matriz africanas¹¹. A estudante em questão é de uma turma de 8° ano e os esporos foram lançados em duas turmas de 6° anos. Em duas situações específicas a estudante-cogumelo falou sobre duas religiões de matriz africanas do Brasil. Além de espalhar os esporos do conhecimento na sala de aula, a mesma estava lançando, naquele momento, esporos de sua vida pessoal dentro das religiões apresentadas. Diante disso, houve um fortalecimento de nutrientes, tanto para os estudantes-plantas, quanto para o professor-micorrizico.

Com estes exemplos, pode-se observar que a vida dentro do solo de sala de aula é repleta de uma pulsão de conhecimento. Nutrir-se com os elementos que são viabilizados pelos estudantes-cogumelos é uma forma de compreender que o

¹¹ Além de professor de filosofia, também leciono culturas religiosas, sociologia e projeto de vida.

conhecimento não habita um lugar apenas. O conhecimento é uma força de desejos, de vontade de potência, que pode, ou não, ser reprimido pela moral de um ensino disciplinar e punitivo (Foucault, 2013). Mas, o que fazer quando a vontade do estudante é de contribuir para a construção da rede micelial?

“Só mais um esforço para nos livrarmos do que atrofia nossa capacidade de pensar.” (SAFATLE, 2015, p.24). Não podemos negligenciar os desejos dos estudantes em uma sala de aula. O corpo deles pulsa, pulsa por desejos de escuta e de conhecimento. A sala de aula é um processo de troca, de conectividades que promovem forças de poder para todos os integrantes. A sala de aula é um solo fértil, que necessita de fungos micorrízicos para nutrir as plantas-estudantes, diferente do agrotóxico-moral que pode levar o solo à infertilidade. A ética do professor-micorrizico é cuidar do solo, para que neste cuidado ambos possam se fortalecer e re(ex)istir.

Construindo novas redes, tramando novas vidas

Com este texto, ao ser lançado em um espaço de compartilhamento, a rede micelial vai se ampliar, novos cogumelos surgirão e, quem sabe, contribuirão para espalhar os esporos do que foi escrito aqui. Caso isso não ocorra, ao menos espera-se que alguém possa se nutrir do que foi escrito, pois, em um ano letivo, muitos exemplos podem aparecer como força de potência para o desenvolvimento de uma rede micelial. Obviamente que: “em geral, as plantas que compartilham uma rede com outras crescem mais rápido e sobrevivem melhor que as vizinhas excluídas da rede.” (SHELDRAKE, 2020, p.182).

Este fortalecimento, de uma planta com um fungo, é o modo de possibilitar ver a sala de aula como uma construção coletiva, como uma rede micelial própria entre professor e estudante. Além disso, não se pode esquecer que os fungos também estão presentes neste espaço, concretamente falando. Por este motivo, fica a homenagem a estes seres que nos alimentam, que podem nos matar, que podem produzir alucinações e que nos nutrem com diferentes elementos de suas vidas, eles são essenciais para nossa vida. Por fim, quem sabe, o professor-micorrizico que escreve este texto, também não seja o próprio cogumelo que está espalhando os esporos de uma rede micelial que necessita de mais conexões para que a sala de aula não se torne um solo seco e sem vida.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a Filosofia? 3.ed. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo. Editora 34, 2010.

DETONI, Maria Célia. Artesania clínica: questões para uma prática da multiplicidade. Porto Alegre. Ed. Marcavisual, 2009.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão. Petrópolis. Ed. Vozes, 2013.

hooks, bell. Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2017.

KOHAN, Walter. Filosofia - o paradoxo de aprender e ensinar. Belo Horizonte. Ed. Autentica, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. A vontade de Poder. Rio de Janeiro . Ed. Contraponto, 2008.

_____. A gaia ciência. São Paulo. Ed. Companhia das letras, 2012.

PLATÃO. Apologia de Sócrates. In: _____. Diálogos. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo. Edições Melhoramento. 1970.

_____. O banquete. In: _____. Sócrates: Os pensadores. São Paulo. Abril Cultural, 1972. 230 p.

PEREIRA, Marcos. Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria. Ed. UFSM, 2016.

ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. Os abismos da suspeita: Nietzsche e o perspectivismo. Rio de Janeiro. Ed. Relume Dumará. 2003.

_____. Os abismos da suspeita: Nietzsche e o perspectivismo. Rev. O que nos faz pensar. No 18. p.213-224. Setembro. 2004.

SAFATLE, Vladimir. O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2015.

SHELDRAKE, Merlin. A trama da vida: como os fungos constroem o mundo. São Paulo. Fósforo/Ubu editora, 2021.